



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)

CATTARINA KATHLEEN SILVA BITES

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A
PANDEMIA DA COVID-19**

BRASÍLIA
2022



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)**

CATTARINA KATHLEEN SILVA BITES

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A
PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Etienne Baldez Louzada Barbosa

**BRASÍLIA
MAIO DE 2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BC368 Bites, Cattarina Kathleen Silva
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A
PANDEMIA DA COVID-19 / Cattarina Kathleen Silva Bites;
orientador Etienne Baldez Louzada Barbosa. -- Brasília,
2022.
54 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2022.

1. Educação Infantil. . 2. Pandemia da Covid-19. . 3.
Práticas pedagógicas da Educação Infantil. . 4. Ensino
remoto.. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada , orient. II.
Título.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Etienne Baldez Louzada Barbosa

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Etienne Baldez Louzada Barbosa (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Liège Gemelli Kuchenbecker (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Monique Aparecida Voltarelli (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Doutor Juarez José Tuchinski dos Anjos (Suplente)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**BRASÍLIA,
MAIO DE 2022**

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais, família e amigos que tanto torceram para que desse certo. A professora doutora Etienne Barbosa que influenciou diretamente na minha motivação, escolha do tema e pela confiança para finalizar este processo, sendo orientado por minha maior inspiração.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que proferiram palavras de apoio, cada uma delas me lembraram a importância da finalização desta etapa na minha vida e me deram forças para que eu pudesse entregar este trabalho da melhor forma possível. Muito obrigada professora Etienne Barbosa por todo auxílio e paciência durante a construção, sem você nada disso teria sido alcançado.

Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de experiência feita para ser de experiência narrada ou transmitida [...]. A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo encha de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanisticamente compartimentada, mas nos homens como corpos conscientes e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1985, p. 79).

BITES, Cattarina. As práticas pedagógicas na Educação Infantil durante a pandemia da COVID-19. 2022.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre as novas práticas pedagógicas durante a pandemia da COVID-19 na primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil, entre os anos 2020 e 2022. A pandemia da COVID-19, que abalou o mundo a partir do ano de 2020, fez com que a sociedade se adaptasse à nova realidade, surgindo um novo normal que, inicialmente, esperava-se que duraria apenas 15 dias, mas durou 2 anos e ainda se tem resquícios destas adaptações para a vida toda, sendo essas as novas práticas que auxiliaram positivamente no processo de educar e cuidar da criança da Educação Infantil. Encontra-se aqui a importância do trabalho da escola infantil junto a família e comunidade, pois foi uma união fundamental para compreender os novos desafios impostos pela pandemia. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, artigos, teses e livros onde as referências foram encontradas através do Google Acadêmico, em plataformas como, Brazilian journal of development (BJD) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), sendo necessário contextualizar sobre a criança da Educação Infantil e também sobre como as instituições que adaptaram as atividades visando compreender as novas práticas realizadas durante a pandemia. O objetivo geral desta pesquisa é compreender as práticas pedagógicas que foram instituídas com as crianças da pré-escola no período da pandemia da Covid-19. Os resultados alcançados mostram que, mesmo com todas as barreiras, dificuldades, juntos, família, escola e a tela de referência, outorgaram para um caminho possível mantendo a criança como foco e sem desvalorizar o papel docente, mesmo que com limitações em relação as atividades realizadas em casa ou remotamente. No final podemos refletir que apesar disso, após a pandemia ficou ainda mais visível a necessidade da interação, convívio das crianças com seus pares e do papel do docente na vida das crianças. Nada substitui as diversas possibilidades e aproveitamentos das trocas de conhecimentos que a educação presencial proporciona.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pandemia da Covid-19. Práticas pedagógicas da Educação Infantil. Ensino remoto.

BITES, Cattarina. The pedagogical practices in Early Childhood Education during the COVID-19 pandemic. 2022.

ABSTRACT

The present work aims to discuss pedagogical practices during the COVID-19 pandemic in the first stage of basic education, Early Childhood Education, between 2020 and 2022. The COVID-19 pandemic, which shook the world from the year 2020, made society adapt to the new reality, emerging a new normal that, initially, was expected to last only 15 days, but lasted 2 years and there are still remnants of these new practices for life, being these are the new practices that positively helped in the process of educating and caring for children in Early Childhood Education. Here is the importance of the work of the children's school with the family and community, as it was a fundamental union to understand the new challenges imposed by the pandemic. The methodology used was the bibliographic research, where the references were found through Google Scholar, on platforms such as, Brazilian journal of development (BJD) and Scientific Electronic Library Online (SCIELO), being necessary to contextualize about the child of Early Childhood Education and about as the institutions that adapted the activities to understand the new practices carried out during the pandemic. The results achieved show that, even with all the barriers, difficulties, together, family, school, and the reference screen, granted for a possible path keeping the child as the focus and without devaluing the role of the teacher, even with limitations in relation to the activities performed at home or remotely. Despite this, after the pandemic, the need for interaction, socializing with their peers and the role of the teacher in children's lives became even more visible. Nothing replaces the various possibilities and benefits of the exchange of knowledge that face-to-face education provides.

Keywords: The effects of COVID-19 on Early Childhood Education, challenges during the pandemic of COVID-19 inside of the classroom, history of early childhood education and post-pandemic consequences of covid-19.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Scientific Electronic Library Online – SCIELO.....	20
QUADRO 2	Brazilian Journal of Development – BJD	22
QUADRO 3	Publicações selecionadas a partir das palavras de busca.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BJD	Brazilian Journal of Development
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos profissionais da Educação
LDB	Lei de Diretriz e Bases
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNE	Plano Nacional da Educação
RNPI	Rede Nacional Primeira Infância
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	12
INTRODUÇÃO.....	16
1. ESCOLHAS METODOLÓGICAS NA INVESTIGAÇÃO DAS PRÁTICAS.....	21
2. EDUCAÇÃO INFANTIL, SUA ESPECIFICIDADE EM FOCO.....	26
2.1 Caracterização da Educação Infantil.....	26
2.2 A Educação Infantil segundo as normativas para oferta durante a pandemia.....	30
2.3 A pedagogia da escuta na educação das crianças.....	35
3. EDUCAÇÃO INFANTIL APÓS TELA DE REFERÊNCIA.....	39
3.1 Conceituando a sala de convivência e tela de referência.....	40
3.2 Novas práticas pedagógicas.....	42
3.3 O impacto na volta às atividades após tela de referência.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51

MEMORIAL

I. As intenções

Este memorial, parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Brasília, tem o intuito de trazer algumas informações a respeito da minha vida escolar, acadêmica e profissional até o presente momento. Aqui, trago informações sobre como escolhi minha profissão, caminhos que foram seguidos, obstáculos e dificuldades enfrentados e o motivo para escolha do curso. Também neste texto, apresento informações pessoais e situações que posteriormente foram percebidas como influência para a escolha do curso de Pedagogia.

Por fim, demonstro um pequeno resumo da minha história e da minha família, para que o leitor deste trabalho entenda um pouco mais sobre quem sou e, assim, tenha um olhar simpático, compreensivo, que, aliado à leitura científica posteriori, perceba as minhas intenções como pesquisadora da área de Educação Infantil, que analisa os impactos da pandemia da COVID – 19 nas adaptações das práticas pedagógicas na Educação Infantil.

II. Pelo fio do nome

Meu nome é Cattarina Kathleen Silva Bites, tenho 23 anos, nasci no Valparaíso de Goiás, minhas irmãs e meus pais são de Brasília. Meu pai conseguiu concluir até a Pós-Graduação, já minha mãe até o Ensino Médio. Tenho uma irmã formada pela Universidade de Brasília em Letras – Espanhol (Licenciatura), atualmente é professora de espanhol na rede pública, a irmã mais nova tem apenas 16 anos, está no Ensino Médio.

Minha família é de origem bem humilde. Meu pai foi o primeiro, e até então o único, dos 8 irmãos a completar o ensino superior e fazer a Pós-Graduação. Morávamos no Valparaíso, ele trabalhava o dia todo e estudava a noite. Foi uma luta com duas filhas pequenas e divorciado, pois meus pais se separaram quando eu tinha apenas 2 anos. Meu pai ganhou a guarda, então ele fazia de tudo para que pudéssemos ter uma boa qualidade de vida e bons estudos. Até acabar o meu Ensino Médio não precisei trabalhar, com isso tive a oportunidade de focar nos estudos e então ter o privilégio de estar na UnB, tendo assim acesso a várias oportunidades de crescimento, pessoal, intelectual e profissional.

III. Formação

Apenas no 1º ano do Ensino Fundamental anos iniciais que estudei em colégio particular; todo o resto da minha formação foi em Ensino Público. Junto com a formação regular realizei o sonho de estudar uma língua estrangeira, o inglês, e um pouco do francês no CIL (Centro Interescolar de Línguas).

Minha memória não é das melhores, mas os poucos momentos que me recordo da minha infância, me vem à cabeça momentos felizes e de muito carinho e atenção. Tanto por parte da minha família, quanto pela parte dos meus professores. Meus pais falam que as professoras sempre comentavam como eu era apegada e atenciosa com elas. Por esse motivo, lembrando da afetividade e do laço criado durante a Educação Infantil, decidi discorrer este texto sobre o impacto da pandemia da COVID-19 nas práticas educativas na Educação Infantil e a sua repercussão nessa relação interpessoal entre a criança que frequenta a primeira etapa da educação básica e o docente.

A escolha do curso de Pedagogia veio com o incentivo da minha família, por sempre ter sido tão atenciosa, flexível, saber lidar e brincar com os primos e sobrinha. Não tinha certeza se havia feito a escolha correta, porém depois que comecei o curso, percebi a identificação pelo processo de ensino e aprendizagem. O que me ajudou também a me encontrar nessa área foi começar a trabalhar na escola assim que o curso começou. Pude ter a oportunidade de me sentir realizada neste curso quando lecionei pela primeira vez, assim tive a certeza de que havia feito a escolha certa.

Algumas disciplinas que me fizeram ficar encantada com a pedagogia foram Educação Especial, Educação Infantil e LIBRAS. Nunca esquecerei os professores que ministraram essas aulas com maestria, conhecimentos importantes que aplicarei para o resto da minha vida e um exemplo incrível de como lecionar com empatia e firmeza.

IV. Experiência Profissional

Meu primeiro emprego na área da educação foi no Kumon, auxiliando crianças e adultos em atividades de Matemática, português e inglês, de vários níveis e dificuldades, esta experiência

foi fundamental para perceber até onde eu sou capaz, conseguir ensinar do mais novo ao mais velho foi uma ótima oportunidade e o primeiro lugar que aprendi como criar vínculos com crianças.

Depois de um ano fui para o Colégio Marista, trabalhei com crianças de até 2 anos, também lidei diretamente com uma criança com síndrome de down e outra que não sabia como lidar com as suas emoções e força, foi o meu primeiro contato com crianças com necessidades educacionais especiais, um dos momentos e aprendizados mais inesquecíveis da minha vida profissional. Trabalhar com crianças desta idade é se sentir amada, querida, é gratificante. Nesta fase é visível a evolução das crianças, mas sem esquecer que também é a fase mais trabalhosa e cansativa, pois é um trabalho muito braçal (Nessa época eu travei a coluna 3 vezes em 2 meses!) e pedagógico.

Então pouco tempo depois, chegou a hora de ir para o Colégio Mackenzie. Aprendi muito sobre a coordenação e como lidar com crianças do 2º ano ao 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais. Inicialmente fui contratada para ajudar na tradução de todo o conteúdo para 2 irmãos árabes que falavam inglês e nada de português. Posteriormente fui designada a auxiliar todas as docentes e alunos do 2º ano ao 5º ano. O que achei mais importante durante meu tempo nesta escola, foi o fato de poder vivenciar como funciona a coordenação pedagógica, depois que fui contratada fiquei como auxiliar fixa da coordenação, momentos únicos e de muito aprendizado que vai além do saber lidar e ensinar crianças.

Em julho de 2019 iniciei a minha jornada para viver novos ares e aprendizados, fui contratada na Escola das Nações como monitora de turma, durante o primeiro ano com o 3º ano do EF1 e segundo ano com o 2º do EF1. Trabalhei com uma equipe incrível, metodologia muito didática e as crianças bilíngues e estrangeiras me deram ainda mais certeza da minha vontade de trabalhar com crianças juntamente com o inglês! Nesta escola eu tive a chance de substituir os docentes, com isso em vários momentos pude dar aulas de acordo com o que aprendi e testar diferentes técnicas e práticas. Eles prezam que as assistentes ajudem mais os alunos como o corpo docente fazem, dando mais assistência educacional, não ficam apenas fazendo mural ou cortando papel, assistentes e monitoras ganharam um espaço maior de atuação, mais visibilidade e chance de aplicar estratégias estudadas.

Hoje estou trabalhando como Au Pair nos Estados Unidos, deixei minha família, amigos, namorado para vir vivenciar essa experiência única e rica de muita aprendizagem e autoconhecimento. Au Pair, neste trabalho eu tenho a oportunidade de morar no mesmo lugar que trabalha e fazer cursos de sua escolha. Não é fácil, assim como nada na vida é, mas pretendo ficar

por 1 ano e depois retornarei ao Brasil para colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos na vida e neste ano.

Finalizo aqui a minha singela apresentação para começar esta pesquisa rica em conhecimento e informações necessárias a quem interessar no futuro.

INTRODUÇÃO

Este estudo dialoga com a tríade infância, criança e interação em tempos de pandemia ocasionada pela Covid-19. No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia causada pelo Corona Vírus, sendo este vírus de alta transmissão. Em 20 de março de 2020, o Congresso Nacional aprovou o Decreto Legislativo que reconhece, para os fins do artigo nº 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública (BRASIL, 2020). Vale ressaltar que cada estado decidiu de diferentes formas e tempo quando começaria e terminaria o ensino remoto. Muitas mudanças ocorreram no mundo e no Brasil nos últimos dois anos (2020 e 2021), e aqui nos interessa observar essa tríade na relação com as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil. Sendo importante pensar nas respostas para as seguintes perguntas: como ficou o tempo da criança na pandemia? Quais repercussões para as relações criadas com seus pares? Que espaços as crianças frequentavam e que deixaram de frequentar ou foram reformulados virtualmente para seu acesso?

Aqui poderíamos iniciar com muitas questões geradoras de inúmeras discussões possíveis. No entanto, é pertinente apontar, que muitas regras, práticas e formas de lecionar se reconfiguraram, sendo de conhecimento de todos que já vivenciaram no dia a dia e agora vivem a consequência atualmente, não estamos apenas falando do passado. Por isso, este texto pretende explicitar a repercussão e resultado da pandemia nas práticas pedagógicas.

Dialogando com autores dos Estudos Sociais da Infância, é possível dizer que pós pandemia temos uma nova geração de crianças e uma nova maneira de lidar, ensinar, educar e brincar com essa nova geração, novas práticas pedagógicas. Nesse sentido, é pertinente demarcar que entendemos infância como o tempo de vida da criança, que é sujeito histórico de direito, ator social, que produz cultura, ao encontro do que escreve Manuel Sarmiento (2013) sobre o objetivo dos Estudos Sociais da Infância:

Procuram compreender é a criança como ser biopsicossocial e a infância como categoria estrutural da sociedade (no âmbito das categorias geracionais), procurando fazê-lo numa perspectiva totalizante, não fragmentária e, por consequência, interdisciplinar. Fazem-no, também, recusando o estatuto da criança como *ser-em-devir* (na verdade, todos os seres humanos são *seres-em-devir*, independentemente da idade), para se centrarem nas características atuais, presentes, sincrônicas da criança como *ser-que-é* na completude de suas competências e disposições. (SARMENTO, 2013, p. 15).

Sarmento (2013) explicita a importância de os seres humanos serem seres-em-devir, seres que estão em processo de mudança e transformação, não apenas as crianças estudadas em questão, mas também nós adultos. As crianças são seres dependentes, em formação e incompletos, mas não é desta forma que são tratadas pela sociedade, neste período as crianças são tratadas pelo o que serão após a sua formulação completa, sofrendo o adulto como protagonista, muitas vezes a nova geração é ensinada a ser independente e autônoma tendo exatamente este pensamento em mente, imaginando qual será o futuro da criança em questão, sendo que passamos pelo processo de devir, como crianças elas tem o direito de aprender através da experiência, com a cultura de pares e a partir da auto-observação dentro de um grupo. Com isso podemos compreender que as crianças são seres que precisam do intermédio do corpo docente para entender o seu lugar na sociedade. E serem compreendidas a partir de si próprias e não do que ainda virão a ser.

Neste mesmo texto Sarmento (2013) discorre sobre a concepção de criança de acordo com Jean Piaget (1896-1980), sendo a criança um ser humano que está em processo contínuo de aprendizagem, absorção de conhecimento, consciência moral, evoluindo também a capacidade relacional, vivendo dia após dia a fase de desenvolvimento em que percorre várias etapas de natureza biopsicológica.

Esta concepção constitui um objeto central da crítica sociológica: a criança é, certamente, um ser em desenvolvimento, mas é errado assumir que é, por excelência, o ser em desenvolvimento; o processo de transformação e maturação é incondicionalmente humano e faz pouco sentido confiná-lo exclusivamente a uma etapa da vida. Por outro lado, perspectivar a criança como ser-em-devir tal como assinalamos antes impede que se observem as crianças naquilo que são, no presente, a partir de seu próprio contexto e sua forma específica de ser. A criança não é, definitivamente, o adulto imperfeito e imaturo, mas é o outro do adulto, isto é, entre criança e adulto há uma relação não de incompletude, mas de alteridade. Por outro lado, o desenvolvimento é sempre social e culturalmente produzido. Nesse sentido, a crítica sociológica à concepção piagetiana da infância assume as críticas produzidas do interior da própria psicologia do desenvolvimento a uma visão tendencialmente associal e acultural das concepções piagetianas, ao biologismo da visão de maturação e crescimento e ao carácter teleológico e universal das fases de desenvolvimento infantil (BURMAN; SOUZA apud SARMENTO, 2013, p. 19).

Sarmento (2013) desenvolve sobre a concepção por Piaget explicando que a criança é um ser em desenvolvimento e imaturo, que este é social e culturalmente produzido. A Sociologia da Infância estabelece a diferenciação dos grupos das gerações, exemplo disso quando falamos, ‘isso é coisa de criança’, ‘para maiores de 18 anos’, delimitando espaço, regras e tempo para certas atividades e por tanto fica entendido o que é permitido que as crianças façam.

A Sociologia da Infância auxilia nos estudos da infância, visto que sinaliza os lugares sociais da infância, normativas específicas, visando a criança como atores sociais e agentes da cultura. Trabalhando de forma interdisciplinar para que não ocorra uma visão fragmentada da criança e quebre as divisões tradicionais que não compreendem a infância assim como a sua natureza. (DELGADO; MULLER, 2005).

Se estamos tratando de infância e dos sujeitos que vivem esse período de nossa vida humana, o olhar se volta para a prática pedagógica realizada com as crianças de 4 e 5 anos, considerando a pré-escola, nesses dois últimos anos (2020-2021) do período da pandemia da Covid 19. Como prática pedagógica aqui se entende, conforme especificado por Barbosa (2010, p.1), uma “dimensão da educação, cuja finalidade é historicamente determinada e abrange práticas formativas, durante as quais ocorrem processos de socialização, transmissão, divulgação e apropriação de conhecimentos historicamente produzidos por grupos humanos e classes sociais diversas”. Nesse sentido Barbosa (2010) afirma:

Partindo dessas premissas, que a atividade educacional do(a) professor(a) de Educação Infantil precisa ser compreendida a partir da relação teórico-prática, assumida como uma relação recíproca, em que a prática é referência vital para a organização do pensamento teórico de todo professor, mas que, ao mesmo tempo, não pode ocorrer isolada desse processo de análise e síntese proporcionada pelo ato cognoscitivo. Ao constituírem suas práticas pedagógicas, assumindo uma metodologia de trabalho e fazendo escolhas quanto ao direcionamento dos processos e atividades necessários para o desenvolvimento do trabalho cotidiano na instituição de Educação Infantil, os professores podem analisar e compreender esse processo e seus desdobramentos numa perspectiva ampla, criativa e crítica. Dessa ótica, a práxis pode primar pelas especificidades e singularidades da criança e do conhecimento, de modo que as vivências infantis se constituam como parte da construção do caráter humanizado das experiências, além de favorecer a constituição de novos conhecimentos, valores éticos e estéticos e de práticas. (BARBOSA, 2010, p. 02).

De acordo com Barbosa podemos inferir que a teoria não está dissociada da prática educativa, o docente aplica o que precisa ser analisado através das brincadeiras e momentos de convivência das crianças, enquanto na prática elas estão brincando com seus pares, mas durante esses momentos é notável o aprendizado e evolução de cada criança na sua singularidade e especificidade. Por este motivo é perceptível a reciprocidade no processo de ensino-aprendizagem, pois o docente consegue aplicar a teoria e receber os resultados a partir da prática das crianças. Em outro trecho Barbosa (2010) discorre sobre em que a prática pedagógica se constitui:

A prática pedagógica constitui-se, pois, em parte essencial da Educação Infantil e abrange um conjunto de ações articuladas, assumidas intencionalmente pelo(a) professor(a), com base em concepções de sociedade, de educação, de criança, de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, ela está sempre situada em um contexto específico e é indissociável do Projeto Político Pedagógico, das condições materiais e conceituais que demarcam os processos do campo de trabalho do professor, da organização do trabalho da creche ou da pré-escola, das relações destas com a comunidade e a sociedade, extrapolando a dimensão da atuação direta com as crianças e das atividades didáticas. (BARBOSA, 2010, p. 02).

Seguindo o que pontua Barbosa (2010) neste estudo, nos atentaremos para as práticas pedagógicas que se relacionam ou integram às experiências vivenciadas pelas crianças de modo multifacetado, tomando, portanto, as linguagens, a imaginação, os movimentos e tudo que pode ser experienciado pela criança na primeira etapa. Não esquecendo da importância da contextualização, um olhar mais individualizado para cada criança, comunidade, pois assim será possível adaptar as atividades e brincadeiras de acordo com cada realidade e contexto.

Vale ressaltar que o Brasil é um país com muita diversidade, principalmente social, com isso muitas crianças não têm acesso a creches e pré-escolas, situação que se agravou com a pandemia, na qual as famílias de baixo nível socioeconômico precisava deste espaço educativo e não puderam ter acesso, também continuaram com dificuldade após a necessidade do ensino remoto, já que não tinham como dar esta possibilidade para seus filhos.

Também foi um momento muito difícil para os docentes, pois no início não tiveram muito tempo para aprender sobre os novos meios necessários para mediar o processo de educar e cuidar durante a pandemia. Depois foi necessário se manter atualizado sobre o meio tecnológico para melhor atender os seus alunos. Ressaltando que no ensino público este processo foi mais demorado já que o governo não tinha condições de proporcionar os materiais necessários como computador, internet e celular para todos as crianças.

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é compreender as práticas pedagógicas que foram instituídas com as crianças da pré-escola no período da pandemia da Covid-19. Com essa intenção dois são os objetivos específicos traçados: 1) Identificar os desafios e barreiras para os docentes na primeira etapa no período da pandemia da Covid 19; e 2) Cotejar estudos científicos que tenham se voltado para as práticas pedagógicas nesses dois últimos anos em diferentes regiões do Brasil. Dividido em três capítulos, sendo que o primeiro apresenta o caminho da pesquisa, intitulado *Escolhas metodológicas na investigação das práticas*; o segundo *Educação infantil, sua especificidade em foco*, cuja a intenção é apresentar aquilo que distingue a primeira etapa da

educação básica da sua subsequente, seguindo para o terceiro capítulo, nomeado como *Educação Infantil após tela de referência*, demonstrando as práticas que foram instituídas durante a pandemia da Covid-19 com as crianças na Educação Infantil. O desejo é que o presente texto nos aproxime, apesar de tudo que nos distanciou nestes últimos dois anos.

1. ESCOLHAS METODOLÓGICAS NA INVESTIGAÇÃO DAS PRÁTICAS

O presente capítulo torna evidente o caminho da pesquisa realizada com o intuito de identificar que ações foram instituídas no período da pandemia da Covid-19, remotamente, com as crianças que estavam matriculadas na primeira etapa da educação básica. Na relação com os capítulos subsequentes, este é mais sintetizado, permitindo uma leitura dinâmica para uma rápida compreensão das escolhas feitas que permitiram a construção das análises evidenciadas nesta monografia.

Informa-se que se toma como delimitação temporal o ano de 2020, quando inicia a pandemia e as atividades na Educação Infantil são suspensas, seguindo as ordens do Decreto nº 40509 - imposto pelo governador Ibaneis Rocha¹ em 11 de março de 2020 e depois as aulas continuaram remotamente - e o ano de 2021, quando as atividades retornam ao presencial, de acordo com a resolução CNE/CP nº 2 de 5 de agosto de 2021, ainda que de modo alternado ou mediado por tecnologias. (BRASIL 2020; 2021).

Metodologicamente esta pesquisa pode ser classificada como uma revisão bibliográfica. Como pontua Nassi-Calò (2021, s/p), um texto de revisão não faz apenas uma reunião de artigos, não é apenas resumir o conhecimento em um tema e apontar a tendência na maioria das publicações. E isso porque, ao fazer uma revisão, há um posicionamento e um direcionamento dentro de uma área em que se publica, podendo influenciar ou não futuras pesquisas relacionadas à esta especialidade. Assim, a interpretação de artigos de revisão pode definir uma agenda para o futuro de temas acadêmicos. Em suma, uma revisão pode não apenas definir o que foi, mas também o que poderá vir a ser.

Gil (2002, p. 17) discorre sobre a importância da revisão bibliográfica, "o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos", explicitando sobre a vantagem da pesquisa bibliográfica de permitir ao investigador a cobertura de diversos estudos muito mais amplo. Também mostra que o pesquisador quer encontrar a solução para problemas propostos, desse modo traz conhecimento para aqueles interessados na pesquisa em questão. A finalidade e a vantagem da pesquisa feita pela revisão bibliográfica é colocar o pesquisador de frente com o que já foi produzido, caso tenha sido

¹ Ibaneis Rocha, governador do Distrito Federal, início de mandato: 2019; fim do mandato 2023.

registrado a respeito do tema de pesquisa, isto demonstra então a qualidade e confiabilidade da pesquisa. Vale ressaltar que este tipo de pesquisa abre brecha para repetir erros causados em outras pesquisas, para reduzir a possibilidade de reproduzir o erro coletado em outras fontes é necessário que a pesquisa seja feita em diversas fontes procurando contradições, incoerências e sempre analisando as informações em mais de uma fonte sobre o mesmo assunto.

O caminho desta busca por estudos científicos que se voltassem para a compreensão do desenvolvimento das práticas pedagógicas na Educação Infantil, durante a pandemia da Covid-19, foi baseado em consultas e coletas em plataformas específicas: Google Acadêmico, Brazilian journal of development (BJD) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO). As expressões utilizadas como geradoras nas buscas foram: Educação Infantil na pandemia e práticas pedagógicas na Educação Infantil. A busca também contemplou expressões em inglês, devido á plataforma BJD, que foram: *the effects of COVID-19 on Early Childhood Education* e, por fim, *challenges during the pandemic of COVID -19 inside of the classroom.*²

Vale ressaltar que hoje quando se pesquisa sobre Educação Infantil na pandemia no Google Acadêmico encontra-se mais de 980 trabalhos sobre pandemia e educação, fazendo necessário ter atenção para aqueles que discorrem sobre a pandemia na Educação Infantil, sendo selecionados apenas 13 trabalhos que englobam o tema em questão, porém a pesquisa deste trabalho começou há mais de um ano atrás, com isso não haviam tantos trabalhos. Após essa primeira pesquisa no Google Acadêmico foi necessário abrir cada texto de acordo com o título que parecia discorrer sobre o assunto, depois era feita a leitura dos resumos e alguns capítulos quando necessário.

Os critérios utilizados para filtrar os trabalhos encontrados foram, analisar os títulos e resumos, para que todos os escolhidos fizessem sentido e agregassem diretamente no desenvolvimento do texto. A medida que se fazia necessário a leitura de novos textos para conceituar melhor os tópicos deste trabalho, a fim de compreender melhor a especificidade da Educação Infantil, foi feito novas buscas para que fosse possível ter embasamento teórico adequado. A escolha pelas plataformas foi por serem renomadas, confiável e conhecida mundialmente.

Na Scielo foi encontrada uma gama de trabalhos em relação ao tema, mas os primeiros selecionados foram para dialogar com as explicações do tema em textos encontrados pelas buscas de expressão, para que seja possível a compreensão direta do conceito de infância, a legislação que

² Os efeitos da COVID-19 na Educação Infantil. Desafios durante a pandemia da COVID-19 dentro da sala de aula.

rege e contextualiza a pedagogia na Educação Infantil, sociologia da infância, como eram as práticas pedagógicas e o desenvolvimento da criança antes da pandemia da Covid-19. Após feito este levantamento para o intermédio entre os conceitos e o tema, o foco tornou-se para o tema em questão com o propósito de entender como foram as mudanças com a pandemia na Educação Infantil, em relação as leis, decretos, novas práticas pedagógicas, novas brincadeiras, percepções das crianças e as consequências pós pandemia. Observe abaixo os quadros que mostram as publicações selecionadas em cada plataforma:

QUADRO 1: Especificidade da Educação Infantil: fundamentos teóricos e constituição da prática pedagógica.

AUTOR	PUBLICAÇÃO	ANO
C. H Folino; M. V. Alvaro; L. Massarani; C. Chagas	A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral.	2020
Marina Di Napoli Pastore	Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos?	2020
Grassinete C. de A. Oliveira	Ensinar e aprender em tempos de covid-19 uma proposta pedagógica.	2020
Lilian Nassi- Calò	O papel dos artigos de revisão vai além de sintetizar o conhecimento atual sobre um tema de pesquisa.	2021
Aliandra Cristina Mesomo Lir; Eliane Dominico; Magali Maria Johann; Maristela Aparecida Nunes	Infâncias confinadas: a educação como direito das crianças em tempos de pandemia.	2021
Silvia Helena Vieira Cruz; Rosimeire Costa de Andrade Cruz; Cristiane Amorim Martins	A Educação Infantil e demandas postas pela pandemia: Intersetorialidade, identidade e condições para o retorno às atividades presenciais.	2021
Natasha Berendonk Handam; Rachel de Moraes Ferreira; Denise Alves de Lima	A Educação brasileira em tempos de pandemia por COVID-19 e perspectivas futuras.	2021

Fonte: SCIELO – organizado pela autora

Com estes trabalhos foi possível contextualizar a especificidade da Educação Infantil, sua importância para o olhar sensível durante a pandemia da Covid-19, compreensão do papel da criança, desenvolvimento infantil, quais legislações asseguram as crianças, quais foram as práticas adaptadas durante a pandemia que garantiu o direito de brincar das crianças. Desta forma será evidenciado durante a leitura a singularidade da Educação Infantil vivida durante a pandemia e contextualizada pelo desenvolvimento infantil, valorização do professor, quais práticas pedagógicas realizar com as crianças.

Já na plataforma BJD, seguindo as mesmas palavras de busca e relevância na escolha da plataforma, após vários textos selecionados na Scielo, aqui apenas dois foram escolhidos, a fim de complementar informações sobre a Educação Infantil na pandemia, sendo estes de muita relevância para ajudar na finalização e abordagem dos impactos e consequências na Educação Infantil pós pandemia da Covid-19. Segue quadro abaixo os trabalhos selecionados, vale lembrar que foi feita a seleção igual a plataforma anterior, a partir da leitura dos títulos, resumos e relevância na explicação do tema.

QUADRO 2: Impactos, limites e consequências da pandemia na Educação Infantil.

AUTOR	PUBLICAÇÃO	ANO
Márcen de Pádua Ribeiro; Fernanda Câmpora Clímaco	Impactos da Pandemia na Educação Infantil.	2020
Vanessa Braz Costa Senra; Maria Silene Silva	A educação frente à pandemia de COVID-19: atual conjuntura, limites e consequências.	2022

Fonte: Brazilian Journal Development (BJD) – organizado pela autora

A partir deste levantamento foi possível compreender e evidenciar no texto o que aconteceu durante a pandemia, quais mudanças foram necessárias, como as famílias, crianças e corpo docente ficaram durante todo o processo, como e qual são as novas maneiras de lidar com o novo cenário e nova geração de crianças. Tudo isso é possível notar ao longo da leitura.

Alguns trabalhos foram encontrados a partir da necessidade de conceituar alguns tópicos, como a infância, a importância de uma pesquisa metodologicamente feita por referência bibliográfica, outros foram retirados a partir das leituras realizadas, pois foram citados nos textos citados previamente, notando-se a importância de ser citado neste trabalho. Assim como também tiveram textos que a orientadora compartilhou o link para enriquecer a minha base de dados e conhecimentos.

QUADRO 3: Textos complementares.

AUTOR	PUBLICAÇÃO	ANO
Simão Aznar Filho; Carla Dolezel Aznar	A educação formal durante a pandemia: perspectivas em Portugal e no Brasil.	2020
C. S. C. Guimarães; M. M de Melo Mattos; Priscila de Melo Basílio	Educação Infantil em tempos de pandemia: em busca das borboletas.	2020
N. B. Hanfam; R. de M. Ferreira; D. A. de Lima	A educação brasileira em tempos de pandemia por COVID-19 e perspectivas futuras.	2020
Miriam Izabel Albernaz Cordeiro	Carta aberta da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI) dirigida ao presidente do Conselho Nacional de Educação.	2020

Fonte: Google Acadêmico – organizado pela autora

De acordo com os textos citados no quadro anterior o leitor encontrará nos capítulos seguintes desafios e conceitos da infância, diferentes perspectivas da educação durante a pandemia em Portugal e em diferentes cidades no Brasil. Por fim nota-se os aspectos futuros para a Educação Infantil pós pandemia.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL, SUA ESPECIFICIDADE EM FOCO

O objetivo deste capítulo é caracterizar a Educação Infantil (EI), mostrar leis que defendem os direitos das crianças, discorrer sobre o que rege e, por fim, tratar sobre a importância da pedagogia da escuta na educação das crianças nessa primeira fase da vida escolar, sendo a mesma não obrigatória para ingressar no primeiro ano do Ensino Fundamental. Evidenciando a importância desta fase na vida da criança, é neste momento que elas começam a interagir com pessoas diferentes da sua família, aprendem a brincar, dividir, expor suas vontades e entender como funciona uma sala de convivência, o que pode e o que não deve ser feito em determinados espaços, a partir de combinados que tenham sido feitos com elas e que façam sentido.

A partir dessa fase, a criança expõe os seus aprendizados de casa na instituição de Educação Infantil e vice e versa, como comportamentos, movimentos e atitudes. Por isso, é de suma importância a vivência em grupo e a inclusão na sociedade desde cedo, para que se constitua a cultura de pares e com diversas situações que serão úteis para o seu crescimento e formação. Este trabalho é uma via de mão dupla com a família, para auxiliar na continuidade do processo de desenvolvimento da criança.

Kuhlmann (2000) relembra a relevância dos materiais adequados para sala de convivência na Educação Infantil, a partir do momento que a criança entra em contato com o seu ambiente com os seus cinco sentidos ela se torna a observadora principal, aprendendo, desenvolvendo e criando habilidades quando recebe a estimulação correta. Exemplos de materiais apropriados são caixas de areia, bolas, bonecas, lápis, material de costura, brinquedos de animais, entre outros, que podem proporcionar atividades lúdicas a partir de um movimento espontâneo da criança. Vale frisar que durante esse momento de desenvolvimento as aprendizagens naturais e biológicas se descolam das raízes históricas, culturais e sociais, pois a partir da experiência ela adquire novos conhecimentos e maneira de lidar com o novo. (KUHLMANN, 2000).

2.1. Caracterização da Educação Infantil.

A Educação Infantil é um direito humano e social de todas as crianças de 0 a 5 anos de idade. É a primeira etapa da educação básica, oferecida em creches para crianças de 0 a 3 anos e em pré-escolas para crianças de 4 e 5 anos. Nesta fase o objetivo é desenvolver integralmente a

criança até os 5 anos de idade, a parte física, cognitiva, social, intelectual, emocional, psicológico e a formação do Eu dentro da família, comunidade e sociedade. (BRASIL, 2009).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), existe um vínculo entre o educar e cuidar envolvendo as famílias e as escolas no processo de ensino e aprendizagem, frisando que as creches e pré-escolas, ao acolher os conhecimentos prévios de cada criança, amplificam as experiências, conhecimentos e habilidades, valorizando seus conhecimentos prévios e proporcionando novos aprendizados a partir do que já se sabe. Relacionado a importância da escola e família trabalhar em conjunto para desenvolver a socialização, a autonomia e a comunicação.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010), ressalta-se que o binômio educar e cuidar não se separa e dá conta da especificidade com os princípios éticos, políticos, estéticos, conceito de criança e os eixos norteadores, ressalta também que na EI a criança deve ter a autonomia da responsabilidade, da solidariedade, respeito as diferentes culturas, singularidades, meio ambiente e ao bem comum. Como na pandemia não tem como garantir todos os direitos das crianças da Educação infantil previstos nos documentos normativos, resultando-se no não cumprimento a especificidade da Educação Infantil de acordo com a DCNEI.

Antes dos anos 1980/90 as creches eram apenas para os pais deixarem os filhos e irem trabalhar, espaço no qual os seus filhos ficavam apenas para dormir e não tinham muita oportunidade de desenvolvimento. Após as legislações, formação, políticas educacionais, nas creches e nas pré-escolas é possível perceber a evolução dos docentes com os estudos deste tópico, agora as crianças conseguem desenvolver várias áreas como, inteligência emocional, psicomotricidade, cognição, musicalidade, inteligência intelectual e social a partir da prática pedagógica proposta pelo docente. Kuhlmann (2000) explicita sobre a autoridade dos professores em detrimento das crianças, onde a vontade e o desejo eram valorizados apenas para beneficiar o professor, vale ressaltar que diferente da segunda etapa da Educação Básica, a partir do primeiro ano as crianças começam a fase de escolarização, sendo necessário estratégias para introduzir o processo de alfabetização.

De outra parte, observa-se que ainda hoje há crianças pequenas que são submetidas a uma disciplina *escolar* arbitrária em que, diferentemente de um compromisso com o conhecimento, a instituição considera não ser sua função prestar os cuidados necessários e sim controlar os alunos para que sejam obedientes à autoridade. Situações como as que já presenciei, na década de 1990, de crianças obrigadas a permanecer sentadas em torno

das mesinhas de uma sala de pré-escola, em uma cidade do interior paulista, com suas cabeças deitadas sobre os braços, na *hora do descanso*. (KUHLMANN, 2000, p. 13).

Após longos anos e muito estudo é visível a diferença da Educação Infantil do século XIX para a de hoje em dia, na qual a criança não era tratado como foco, ator principal, sujeito de direito, preferiam que comessem em lugares diferentes para que não sujasse o ambiente da sala, ou que os brinquedos ficassem guardados para que não estragasse, para um espaço e tempo em que a criança é vista como sujeito de direito que deve sim explorar todos os sentidos e aprender brincando a partir da prática pedagógica proposta pelo docente (ROCHA, 2001). A BNCC (2017) explica a necessidade da intencionalidade educativa, para apropriar dos conhecimentos e poder vivenciar um desenvolvimento mais natural e espontâneo. Com isso as crianças juntamente com o corpo docente criarão uma relação educativa-pedagógica³.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir **intencionalidade educativa** às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BNCC, 2017, p. 38).

Hoje o papel da pré-escola é formar, educar e desenvolver integralmente a criança, com a parceria dos pais, comunidade escolar e o Estado. A escola e a família juntos formam a base para o processo educativo da criança, todos com o objetivo de ampliar o conhecimento e as habilidades das crianças (BRASIL, 1988). Desta forma vale lembrar a importância da comunicação entre a escola e a família.

Durante esta etapa a criança quer descobrir tudo que é novo, a criança chega cheia de curiosidade na creche ou na pré-escola e papel do professor é de estimular e aguçar a curiosidade para que a partir dela seja gozado algum conhecimento ou aprendizado, mas lembrando sempre que a criança tem que ser feliz, brincar, estar segura e se desenvolver no espaço escolar, mas sem deixar de lado a intencionalidade educativa para que o corpo docente consiga entender em que

³ O termo “educacional – pedagógico “ tem sido utilizado por Maria Lúcia Machado para explicitar as diferentes dimensões desta relação no plano político, institucional e pedagógico propriamente dito (com caráter de intencionalidade definida, planejada e sistematizada da ação junto à criança), conforme pode ser visto em MEC/COEDI, 1996.

ponto cada criança esta do desenvolvimento e saber o que fazer para ajudar cada um na sua especificidade. De acordo com a BNCC (2017):

É preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de *cada criança* e de *todo o grupo* – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. (BNCC, 2017, p. 39).

É pertinente garantir que as crianças da Educação Infantil não sejam julgadas, classificadas ou taxadas com intuito de promoção para o primeiro ano do Ensino Fundamental, cada criança tem a sua especificidade e realidade a ser seguida, o motivo das crianças estarem na Educação Infantil é apenas para garantir o recebimento do direito de aprendizagem.

Salientando aqui que a Educação Infantil não é pré-requisito para o primeiro ano do Ensino Fundamental. Rocha (2001) discorre que a partir do momento que a criança da Educação Infantil é avaliada ela deixa de ser criança e se torna aluno, quando se coloca em evidência e prioridade a aprendizagem como processo construtivo sendo mais relevante do que os conhecimentos já produzidos e adquiridos. No trecho a seguir, Rocha (2001) cita a diferença do sujeito da escola e o sujeito da creche e pré-escola, a fim de explicitar a organização do sistema de ensino brasileiro de acordo com a legislação:

Em particular na sociedade brasileira atual, estas funções apresentam, em termos de organização do sistema educacional e da legislação, contornos bem definidos. Enquanto a escola se coloca como o espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de educação infantil se põem sobretudo com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o *aluno*, e como o objeto fundamental o *ensino* nas diferentes áreas, através da *aula*; a creche e a pré-escola têm como objeto as *relações educativas* travadas num *espaço de convívio coletivo* que tem como sujeito a *criança* de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento em que entra na escola). (ROCHA, 2001, p. 31).

A partir deste trecho é possível pensar na importância do convívio coletivo para a criança durante este processo da Educação Infantil, este convívio/aproximação com o outro cria diversas oportunidades de momentos que não aconteceriam com a vivência apenas em casa com a família ou até mesmo dela com ela mesma durante brincadeiras, como por exemplo ‘faz de conta’, com

isso é compreensível a importância dos espaços de convívio coletivos durante a creche e pré-escola. A fim de finalizar este tópico do primeiro capítulo salienta-se o que é didática da Educação Infantil para Rocha (2001), diferenciando Pedagogia da EI com a Pedagogia da Infância:

“Didática” da educação infantil, é que, num âmbito mais geral, estou preferindo denominar de Pedagogia da Educação Infantil ou até mesmo mais amplamente falando, uma Pedagogia da Infância, que terá, pois, como objeto de preocupação a própria criança: seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. (ROCHA, 2001, p. 31).

Após feita a diferenciação dar-se a entender e afirmar, de acordo com Rocha (2001), que o conhecimento didático, que é algo realizado a partir de uma ação pedagógica para resultar no processo de ensino e aprendizagem, não é a melhor maneira para analisar os espaços não escolares. Contudo, a proporção que os conhecimentos constituem na educação das crianças com a intencionalidade educativa se encontra numa relação vinculada aos processos gerais de constituição da criança como a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário, em outras palavras as suas linguagens.

2.2. A Educação Infantil segundo as normativas para oferta durante a pandemia.

Para falar sobre a especificidade da Educação Infantil foi realizada uma síntese a fim de contextualizar as configurações de antigamente e de hoje em dia. Antes da Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96) e da Constituição Federal (BRASIL, 1988) existia uma configuração de Educação Infantil no país, também dividida entre creches e pré-escola, na qual a creche era considerada como um lugar de cuidado, um depósito de criança, e a pré-escola era voltada para o lado pedagógico, com um viés de trabalho, a criança entrava num aspecto muito importante da prática, mas ainda assim não considerava a criança como sujeito histórico de direito, protagonista do ensino que estabelece cultura nas relações que constrói com as outras crianças e seus pares. A socialização e a ludicidade eram importantes na pré-escola antes nas décadas de 50, 60, 70, antes da CF (1988), mas a configuração de conceito de criança era diversa. (KRAMER, 2006; KUHLMANN, 2000; ROCHA, 2001).

Importante frisar que, a partir da LDB nº 9.394/96, a configuração da Educação Infantil muda, esta atinge a primeira etapa da educação básica isso faz com que tenha o financiamento, a

formação de professores passa a ser exigido, e também acontece o primeiro plano nacional de educação após a LDB (9.394/96), que vai tratar da Educação Infantil, desta forma com o passar dos anos foi modificado a forma de pensar a Educação Infantil, tendo então referenciais curriculares nacionais para Educação Infantil.

Agora as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil dão conta da especificidade com os princípios éticos, políticos e estéticos, conceito de criança, os eixos norteadores etc. Ressalta-se aqui o binômio educar e cuidar que não se separa, antes tinham a concepção de que na pré-escola era o espaço de educar e na creche para cuidar, na diretriz é expresso que não é assim que a EI deve ser vivenciada, o educar e cuidar andam juntos na creche e na pré-escola, não existindo há distinção. O mesmo ocorre entre o binômio interação e brincadeira que garante a especificidade da Educação Infantil. (KRAMER, 2006; KUHLMANN, 2000; ROCHA, 2001).

A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil pode-se diferenciar a EI do Ensino Fundamental, pois na primeira a participação da criança, protagonismo infantil, diferentes linguagens são feitas de uma forma não escolarizada, não atrelada a um conteúdo. Já no Ensino Fundamental as crianças vão participar, vão ter protagonismo e vão ver as diferentes linguagens, mas vai ter isso de forma atrelada à conteúdo e com o objetivo de promoção do ensino, então os campos de experiência na BNCC (2018) mostra que na Educação Infantil se promove vivências para as crianças, e no ensino fundamental você propõem o ensino sistematizado que o aluno precisa ter de acordo com cada país e critério mínimo de desenvolvimento e aprendizagem.

Contextualizando as leis que regem e especificam a Educação Infantil, alguns destes documentos oficiais são a Constituição Federal (BRASIL, 1988), que determina pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, criada com a finalidade de orientar a educação brasileira. Na LDB (9.394/96) podemos encontrar no que diz respeito da Educação Infantil, prevê na LDB (9.394/96) sua finalidade sendo ela o desenvolvimento pleno da criança até os 6 anos de idade, sendo oferecida para criança de 0 até 3 anos em creches e pré-escolas para crianças de 3 a 6 anos de idade. Reforça também que a avaliação é apenas para registro do desenvolvimento e não a fim de promover para o Ensino Fundamental. Além de citar outros assuntos importantes que envolvem os profissionais da EI, educação especial e entre outros. Determina que o estado deve oferecer às crianças o atendimento em creche e pré-escola para crianças de 0 a 5 anos, pública, gratuita, especificando ser sem requisito e de qualidade, além de citar as outras regras que

defendem o direito a educação das crianças, discriminando então o direito que toda criança deve desfrutar, também servindo como base para os programas que foram criados posterior a CF (BRASIL, 1988).

Com intenção de diminuir a desigualdade, consolidar, ampliar uma oferta com qualidade, garantir à criança o acesso a conhecimentos e aprendizagens a partir de diferentes linguagens e propostas pedagógicas corretas e articuladas com outras políticas da Educação Infantil, existem o Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2010) e Estatuto da criança e do adolescente (ECA, 1990), colaborando a finalidade de defender os direitos e garantias que as crianças e adolescentes devem ter, melhorar o nível de escolaridade da população, amenizar as desigualdades sociais, democratizar a gestão e por fim ampliar os investimentos em educação. A fim de progredir para um Brasil que crianças e adolescentes não tenham os seus direitos violados e tenham uma vida digna, saudável e protegida. Quando a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) critica ressaltando o ensino remoto não sendo uma modalidade não aplicável na Educação Infantil e que a formação formativa nesta fase não se instrumentaliza é porque os novos meios de garantir educação, sendo eles articulados com mais tempo de tela, sem a vivência, experiência, brincadeiras, estão indo contra o que está nas diretrizes curriculares nacionais para Educação Infantil, pois nesta manifesta que as crianças têm que ter interação e brincadeira a partir das diversas linguagens, sendo então não viável a partir do ensino remoto. De acordo com o manifesto feito pelas pesquisadoras da ANPED (2020) a maior preocupação para aquele momento não poderia ser:

A maior preocupação nesse momento não pode ser com uma possível perda do ano letivo! Precisamos pensar com outra lógica: precisamos pensar no tempo das crianças e nos seus modos próprios de vivenciar as consequências de uma situação tão adversa, como essa de uma pandemia. (ANPED, 2020, p. 03)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento oficial que especifica as aprendizagens essenciais a fim de garantir a criança o seu desenvolvimento pleno. A mesma em questão define que ao longo da educação básica os estudantes devem desenvolver dez competências gerais que unificam os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Sucintamente são eles, valorizar e utilizar os conhecimentos históricos, exercitar a curiosidade intelectual, valorizar e incentivar manifestações artísticas e culturais, utilizar diferentes tipos de linguagens,

utilizar diferentes tecnologias digitais e comunicação, valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, saber argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, cuidado da saúde física e emocional, exercitar a empatia, diálogo, cooperação, resolução de conflitos, promovendo o respeito aos direitos humanos, e por fim o saber agir pessoal e coletivamente. Especificando a EI a partir das competências gerais, pois as outras fases da educação dispõem de outras competências necessárias. (BRASIL, 2018).

Para articular as políticas de Educação Infantil com as políticas sociais, para firmar o direito e ampliar a oferta, um dos desafios para as políticas educacionais é o financiamento para Educação Infantil, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos profissionais da Educação (FUNDEB, 2020) foi o fundo criado distribuído automaticamente que disponibiliza recursos de manutenção e valorização dos profissionais para educação básica pública, para promover a melhoria da aprendizagem. Auxiliando na garantia de um ensino de qualidade para a EI e suas especificidades.

Kramer (2006) desenvolve sobre a criação políticas de educação serem alternativas para que a população infantil usufrua de seus direitos e que seja palpável em sua realidade. Com o tempo as crianças tiveram a sua especificidade respeitada, passaram a ser tratadas como cidadãos, que pertencem a uma classe e grupo, que também são cultura, adquirindo os direitos sociais, como assistência, saúde e o principal, a educação.

Na pandemia surgiram novos decretos, devido o acelerado contágio do vírus da Covid-19 os gestores aprovaram medidas emergenciais, parecer e resolução a fim de garantir o direito à educação a todos, para que diminuísse a contaminação do vírus da Covid-19 durante as aulas presenciais. Se fez então necessário o início do ensino remoto. A medida provisória nº 934/2020 de 1º de abril de 2020 (Diário Oficial da União – 2020), estabeleceu que a educação básica não precisa cumprir os dias letivos efetivos de trabalho escolar, desde que fosse cumprido a carga horária mínima anual. O Conselho Nacional de Educação foi responsável por orientar as novas diretrizes curriculares nacionais, a serem adotadas pelos sistemas de ensino. Entre 28 de abril de 2020 e 5 de agosto de 2021, parecer e resolução foram publicados, com o intuito de orientar como reagir, lidar e adaptar a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da Pandemia.

Nestes documentos a Educação Infantil foi evidenciada diversas vezes, salientando a importância da comunicação entre a família e os professores, para que fosse possível a

compreensão do que era necessário fazer para que a criança continue desfrutando dos seus direitos. Sugere-se que as escolas desenvolvam atividades de caráter lúdico, recreativo, criativo e interativo para que a família desenvolva com a criança, a fim de prevenir perdas e retrocessos cognitivos, corporais e socioemocionais. (CNE Nº 9/2020).

De acordo com a Carta aberta da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI, 2020) dirigida ao presidente do Conselho Nacional de Educação, explicitou-se a importância da não aprovação do ensino a distância para Educação Infantil pois esta é essencialmente a partir da interação, feita com brincadeiras e ações mediadoras dos profissionais capacitados e habilitados a promover o desenvolvimento infantil a partir dos dados analisados e uso de diferentes linguagens. Importante lembrar que o brincar em casa com a família é diferente do brincar em sala com os colegas, pois estas brincadeiras criadas pelos profissionais têm outra finalidade e outro meio para aplicar, pois a partir de questões é possível que as crianças percebam e interajam com o seu meio social e cultural ampliando assim a sua visão de mundo.

O documento também discorre sobre o fato de a Educação Infantil não ser um pré-requisito para a educação fundamental, não sendo necessário nivelar e reter crianças na Educação Infantil. Outro ponto importante é a questão da tecnologia necessária para a educação a distância, que a maioria das famílias pobres não têm acesso e tendo a Educação Infantil a distância cresceria mais a desigualdade social na primeira infância. Lembrando também da consequência que as crianças podem vir a ter após o uso da tecnologia que é a dependência digital.

Na carta à RNPI sugere-se que este momento de isolamento deve ser considerado um momento de interação entre a família e a criança, com brincadeiras livres e criativas que instiguem a criatividade, mas sempre lembrando que não são atividades escolares, para que assim a criança e a família não fiquem sobrecarregada. No trecho a seguir é possível entender o papel importante das políticas públicas no contexto pandêmico, sendo este o meio de intermédio entre as adaptações necessárias a se fazer para que favoreça o desenvolvimento educacional:

Dito de outro modo, a responsabilidade dos governos em favorecer o pleno desenvolvimento educacional é necessária para diminuir as perdas que os estudantes têm quando por uma situação anormal surgem necessidades de adaptação que nem sempre são fáceis de gerir, e por isso insistimos no papel protagonista das políticas públicas na intermediação do problema instaurado. (FILHO; AZNAR, 2020, p. 20).

Por fim, Cordeiro (2020) discorre sobre a importância da valorização dos profissionais, dos ambientes escolares e do direito da criança de viver a infância plenamente, com isso deixa claro a importância de não ter a educação a distância nesta fase tão importante da Educação Infantil. Porém, como todos sabem, foi necessário passar pelo ensino remoto/híbrido, vale ressaltar que no retorno às atividades presenciais a educação básica foi prioridade ao retorno, pois as crianças têm menos preparo e maturidade para dar continuidade ao ensino remoto.

Os documentos citados anteriormente conversam entre si por terem os objetivos e garantirem/defenderem sobre a mesma temática, referindo-se a Educação Infantil, sendo o eixo norteador educar e cuidar da criança durante essa fase da educação básica, explicitando o mínimo que deve existir para que a oferta de qualidade aconteça. Após a constituição Federal os documentos oficiais e programas subsequentes foram complementando um ao outro e sendo atualizados de acordo com a necessidade.

Para garantir a oferta de qualidade a construção dos direitos a Educação Infantil perpassou muitos desafios, assim como falta de financiamento, inclusão em políticas públicas, organização dos sistemas educacionais, falta de articulação entre as políticas sociais e políticas da Educação Infantil, formação continuada dos docentes, estruturação da educação, orientações curriculares, critérios de qualidade, diagnóstico/avaliações de desempenho, porém a partir desses pontos citados é possível perceber relação com os documentos criados ao longo dos anos para solucionar esses problemas e garantir o direito a educação para as crianças. Não é um estudo final, estático, está sempre em constante atualização e melhora para trabalhar em conjunto com a realidade e qualidade que as crianças merecem.

2.3. Pedagogia da escuta na educação das crianças

Ter uma escuta atenta dentro da sala de convivência na Educação Infantil é de suma importância, prestar atenção no que as crianças querem dizer, quais são as experiências e vivências já vividas que eles compartilham, é necessário ter uma mente aberta para compreender que as crianças aprendem também por si só e enxergam na sua autonomia como sujeito de direito o que entendem do mundo e da sociedade. A criança não é uma tábula rasa (LOCKE, 1999). Durante toda a infância ela não nasce uma ‘folha em branco’ mas a partir do nascimento ela já começa a adquirir vivências e conhecimentos, não é um adulto em miniatura (ARIÈS, 1981), as crianças não

devem ser tratadas como adultos, o processo de amadurecimento e evolução é muito importante para que esta cresça e se torne um adulto completo e saudável. A criança mostra da melhor forma que aprende desde o primeiro momento após o nascimento, seja observando, praticando, ouvindo, cada uma do seu jeito.

Delgado e Muller (2005) pontuam em seu texto a perspectiva que deve ser ponderada a partir da observação de algumas adaptações e internalizações do ponto de vista da criança no processo de socialização, ela inventa, reinventa e reproduz, tanto os conhecimentos quanto a cultura. Em outro ponto elas dialogam sobre a criança não ser um receptor passivo de informação, as crianças sabem negociar, compartilhar, criar e reproduzir culturas com seus pares e com a sociedade, por isso a Educação Infantil é importante ser vivenciada no coletivo.

Assim como Sarmiento (2013) apresenta o processo ser e devir que a criança passa, Delgado e Muller (2005) também apresentam estudos a respeito, discorrem da complexa teia de interdependência que pertencemos durante o processo de formação do ser humano, sendo ele incompleto e dependente. Como é referenciado a seguir:

Ser e devir: o caráter inacabado da vida dos adultos é tão evidente quanto o das crianças. Assim, as crianças e os adultos devem ser vistos como uma multiplicidade de seres em formação, incompletos e dependentes, e é preciso superar o mito da pessoa autônoma e independente, como se fosse possível não pertencermos a uma complexa teia de interdependências. (DELGADO, MULLER, 2005, p. 352).

Ainda dialogando com Delgado e Muller (2005), se faz necessário criar metodologias voltadas com foco nas vozes, olhares, experiências e pontos de vista da criança, pois a partir desta interação com o mundo adulto elas podem ser capazes de serem atores principais da sua própria história e modificar culturas.

Nas pesquisas sobre as crianças foi possível encontrar as dificuldades que devemos procurar ultrapassar, buscando evoluir para que erros não se repitam, referindo-se estas dificuldades citadas por Delgado e Muller (2005), sendo essas dificuldades relacionadas a: lógica adultocêntrica, deixar de pensar o adulto como foco e valorizar o que se passa entre as crianças, enfatizando a necessidade de investigar as experiências e situações reais pelas quais as crianças vivem em seus contextos.

Entrada no campo não é a criança que precisa entrar no mundo do adulto e sim o inverso, retomando o fato de que as crianças também são pesquisadoras do que ocorre no seu cotidiano,

reagindo de diversas formas a partir do momento que o adulto entra em sua área de atuação, brincadeiras, construção de pensamento, diálogos, entre outros, valorizando então a entrada reativa no campo da criança a fim de se aproximar e contribuir para o seu desenvolvimento. A educação da linguagem surge a partir de vivências naturais, como em situações da vida, seja ela com a família ou na escola, de maneira natural a criança aprende a falar e pensar de maneira mais afetiva, seguindo o exemplo de acordo com o que vive em sua realidade.

Por fim, vale citar a ética, as crianças também são produtoras de dados, sendo passível de autorizar ou não a coleta deles, assim como imagens, divulgação de informações etc. Os adultos normalmente tomam a decisão de forma autoritária pelas crianças, mas é de suma magnitude que exista uma negociação durante o processo de investigação e entrada no campo das crianças, sendo compreensível que ao entrar na vida de outra pessoa de qualquer idade você é um intruso, tornando-se necessário a permissão além do consentimento, tendo um diálogo e explicação direta com a criança, inclusive mostrando ao final da pesquisa o resultado, como normalmente não é feito. A ética ultrapassa tamanho físico, gênero, raça e idade, todos devem ter os seus direitos respeitados e desejos escutados independente de qualquer situação.

Sarmiento e Pinto (1997) dialogam sobre a incoerência na fala dos adultos sobre a importância e relevância da criança na sociedade, ao mesmo tempo que os adultos sabem a importância e expõem a ideia de crianças devem ser crianças, nas atitudes e maneira de falar, devem brincar, entre outras situações, os adultos a criticam pela sua autenticidade na maneira de lidar com a situação, seja ela chorando por não querer parar de brincar, ou na hora de solucionar um problema, qualquer que seja a situação o adulto tem um pensamento paradoxal sobre a infância.

A criança deve ser tratada como protagonista da sua própria história, sujeito histórico de direito, que tem fala, é escutado, reconhecido, onde deve ser a principal referência nas concepções de infância, dando a devida importância na socialização de qualidade, onde essa interação ajudará criar o sujeito social que participa da sua própria socialização, reprodução e transformação da sociedade.

Outro ponto que deve ser considerado é a compreensão do ponto de vista das crianças, trabalhar as análises das fontes relacionadas entre a narratividade e o social, tendo em vista que a memória e a contextualizações são pontos fundamentais para o início da compreensão das experiências vivenciadas na infância, sendo essas compartilhadas pelas crianças. (DELGADO, MULLER, 2005).

A infância, de acordo com Qvortrup (2010), enquanto categoria estrutural, não é transitória, nem tão pouco um período, tem permanência e se transforma constantemente, igualmente a fase adulta e velhice que diariamente se modificam. Todas as crianças passam pela categoria estrutural de forma que se transforma a todo instante durante a infância, as diferentes culturas são usadas a favor do desenvolvimento histórico da infância, existindo assim um espaço social para acolher as crianças nascidas. Contudo, assim quando a criança se tornar um adulto a infância terminará, mas não a categoria infância, que continuará a existir para receber as gerações futuras, assim como os novos conhecimentos e concepções.

As crianças vêm sendo silenciadas, tornando algo socialmente normal, sem o olhar atento e a escuta sensível aos sentimentos e necessidades, subjetivando que estas consigam entender os novos meios de socializar, tendo que se enquadrar nas novas regras de conduta e medidas sociais, feito por pessoas que querem proteger, mas não escuta. Agora com a pandemia é mais agravante, pois estão privadas de interação e convívio com os seus pares. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

Guimarães, Mattos e Basílio (2020) evidencia a importância da criança na EI ser o centro do currículo, apontando à sua ampliação a partir da articulação entre as experiências vividas, saberes motivados histórico e socialmente, aproveitando a escuta sensível, estimulando a curiosidade, o instinto de investigação e o anseio de aprender algo novo, podendo então como resultado criar uma relação de motivação e aprendizagem, fazendo a criança enxergar-se como autora e inventora, sentindo prazer e valorizando suas próprias experiências e investigações realizadas. Um meio que o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro criou, como alternativa de aproximar a comunidade escolar, foi a criação de uma plataforma online na qual a disponibilizava uma comunicação facilitada entre família e docentes. Provocando a aproximação e possibilitando a criação de laços afetivos entre toda comunidade escolar em tempo da pandemia da Covid-19. (GUIMARÃES, MATTOS E BASÍLIO, 2020).

Este capítulo, com os embasamentos de algumas concepções sobre a Educação Infantil e a Infância, explicitou a importância de enxergar a criança, ouvir, e mostrar interesse quando ela está em seu local de fala, pois cada um tem a sua história para contar e todos merecem receber atenção, para que então ela mesma e os outros possam transmitir e receber os conhecimentos propostos, assim compreendemos melhor a relevância do tema em questão, podendo agora introduzir para melhor entender as diferenças impostas após a pandemia da COVID-19.

3. A EDUCAÇÃO INFANTIL APÓS A TELA DE REFERÊNCIA

A pandemia da COVID-19 reconfigurou o ensino em todo o Brasil e no mundo a partir de 2020, alterando as práticas e metodologias utilizadas nas salas de convivência, sendo reformulada para o ensino a distância, fazendo com que as crianças da EI não desfrutem do convívio em grupo. E com que a instituição trabalhe mais próximo da família e comunidade, pois agora o corpo docente deixa de ter o contato direto com as crianças. Fazendo necessário o auxílio de quem está em casa sem desvalorizar o papel do professor.

No decorrer deste capítulo o leitor poderá entender os conceitos de sala de convivência e tela de referência. Recorda-se como foi o processo de transição quando iniciou a pandemia da COVID-19, alterando as atividades para o ensino remoto, depois alterado novamente para parte presencial e parte remoto (também chamado de híbrido), a volta do ensino completamente presencial. Mostra-se as adaptações realizadas nas práticas pedagógicas e por fim os impactos causados nas relações e práticas pedagógicas durante e pós pandemia da COVID-19 no processo de educar e cuidar da criança na Educação Infantil.

No capítulo anterior observou-se a importância de as crianças terem o seu momento de socialização em espaços coletivos, para que o desenvolvimento pleno juntamente com as práticas pedagógicas inovadoras e as mediações dos professores seja efetiva e tenha um resultado positivo, tanto para a criança quanto para o corpo docente que quer auxiliar em seu desenvolvimento.

As crianças ao brincar em grupos absorvem novos saberes, experiências, criam vínculos, aprendem novas culturas, articula com seus pares, melhora as relações sociais, entre várias outras aprendizagens que as interações sociais ao conviver em grupo na sala de convivência proporcionam. Este capítulo enfatiza as adaptações realizadas na Educação Infantil para garantir o direito a educação que as crianças gozam de acordo com a Constituição Federal de 1988. Citando a repercussão na educação dentro do Brasil a partir das pesquisas realizadas.

Também será citado os prejuízos pós pandemia, a fim de responder as questões gerais propostas anteriormente: como ficou o tempo da criança na pandemia? Quais repercussões para as relações criadas com seus pares? Que espaços as crianças frequentavam e que deixaram de frequentar ou foram reformulados virtualmente para seu acesso? Expor também as desigualdades sociais, as diferenças entre o tratamento das crianças no qual a família necessita trabalhar e aqueles

que tem condições de pagar alguém para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da criança. Por fim as dificuldades encontradas por ambos os lados, em relação a tecnologia, controle da infância, rotina, maneiras de aplicar as atividades solicitadas pelos docentes.

3.1. Conceituando a sala de convivência e tela de referência

Sala de aula é termo utilizado a partir da segunda etapa da educação básica, pois o objetivo desta etapa é a escolarização, diferente da Educação Infantil onde a convivência e a interação entre as crianças são o foco para constituir experiências e para que a criança se insira, cada vez mais, na sociedade, na cultura letrada, tendo vivências com as linguagens e adquirir conhecimento e desenvolver durante esta etapa, por isso o termo sala de convivência cabe melhor ao se tratar da EI, local para educar e cuidar das nossas crianças. Filho e Aznar (2020) discorrem sobre o educar ter como objetivo a concretização das habilidades e probabilidades capazes ao ser humano. Levantando o questionamento da possibilidade de educar por meio do ensino remoto.

A tela de referência aqui é utilizada na representação as telas de computador ou celulares, demonstrando que foi por meio delas que as crianças se encontravam, sendo agora a substituição da sala de convivência/referência do presencial. O uso das telas foi necessário após a chegada da pandemia da COVID-19, quando a OMS recomendou o isolamento social a fim de controlar a contaminação pela COVID-19, sendo a solução encontrada para que não ocorresse a interrupção da educação em todas as etapas e níveis de ensino.

É possível fazer uma conexão entre Kuhlmann (2000) com Argollo e Vieira (2020), quando ambos os textos discorrem em uma parte sobre a preocupação da segmentação do atendimento a criança em situação de vulnerabilidade, no qual até mesmo antes da pandemia as instituições estruturadas precariamente eram um problema para a Educação Infantil, com a pandemia o fechamento da escola poderia significar interrupção do processo de aprendizagem, inclusive causando o aumento da fome, considerando a realidade de muitas famílias que contam diariamente com a merenda escolar para suprir a falta de recursos em casa, sendo este também o computador para as aulas a distância.

É necessário salientar que foram construídas medidas emergências a fim de garantir o direito a educação, porém existem diferentes realidades para cada ser humano, com o trecho a seguir

fica explícito a desigualdade que a pandemia da COVID-19 propagou ainda mais, pois já tínhamos muita desigualdade, mas agora estamos falando da tecnologia para mediar a educação:

Essa medida que se quer emergencial é estrategicamente construída com o objetivo de garantir o direito à aprendizagem para “todas” as crianças e estudantes; porém, encobre um discurso que secundariza a centralidade da mediação entre professor e aluno em um contexto, excepcional, de crise sanitária causada pela propagação letal da covid-19 em escala global. E, tacitamente, também faz a apologia das supostas virtualidades das plataformas digitais e das metodologias de gestão, cujo objetivo é garantir os resultados de aprendizagem nos sistemas nacionais de ensino mediante o “monitoramento em tempo real dos resultados da educação, incluindo avaliações de aprendizagem formativa”. (ARGOLLO, VIEIRA, 2020, p. 255).

Como a pandemia não melhorou com o passar do tempo, foi necessário implementar esta dinâmica de ensino remoto; com isso as crianças da Educação Infantil ficaram afastadas dos seus lugares comuns, que já estavam acostumadas e longe do seu convívio coletivo e da sociedade por obrigação do isolamento social, sendo barrada então de conseguir desenvolver da forma mais adequada, com os seus pares e mediação do docente. O tempo de tela foi uma preocupação entre as famílias e o corpo docente, já que as crianças não eram acostumadas a ficarem longos períodos de frente para telas, porém este foi o único meio possível de realizar as atividades.

Pastore (2020) cita que do cenário da pandemia tudo aquilo que a sala de convivência proporciona para a criança deixa de existir. Agora surgem novos modos de brincar, novos grupos, sendo eles sua família, novos ambientes e forma de interagir entre o outro neste novo e diário convívio.

As infâncias parecem confinadas, em espaços que, de igual modo, parece não permitirem sua existência, e as crianças, com seus corpos que não cabem em protocolos, de igual modo. Quando pensamos no confinamento, não são apenas corpos confinados, mas de experiências, de essências, de relações, de toque, de trocas. (PASTORE, 2020, p. 06).

A sala de referência agora é mediada pelos pais e responsáveis, onde estes recebem as informações das brincadeiras que estimulam a criança. A partir do questionamentos feitos por Pastore (2020) é possível levantar também alguns problematizações, tais como: quantos pais tem o tempo de brincar com seus filhos? Ou até de imprimir algumas atividades que podem ser realizadas brincando com a criança, durante a pandemia as crianças não puderam ir à escola, mas muito pais tiveram que continuar trabalhando, com quem ficaram as crianças? Quais brincadeiras eram propostas para essas desenvolverem mesmo estando longe da escola?

Lembrando que cada criança tem uma forma de compreender e comunicar, sendo que o adulto muitas vezes não compreende e não tem tempo e paciência para entender. Por isso a importância de muito estudo para trabalhar diferentes estratégias com as crianças nos dias de hoje (PASTORE, 2020). Com a Pandemia as questões sociais vieram a tona e foram mais discutidas a procura de encontrar soluções:

Permanece urgente e necessário pensar e repensar os modos como as crianças e suas realidades, entendidas a partir de contextos específicos, precisam integrar práticas diversas, entendendo a ação das crianças e da comunidade como fundamentais no processo e que os saberes locais, culturais e sociais devem integrar o quadro das políticas, estudos e pesquisas no âmbito das infâncias e nas questões sociais. (PASTORE, 2020, p. 140).

Por fim, a tela de referência não substitui a sala de convivência, em hipótese alguma, pois a partir da convivência que a criança adquire os seus conhecimentos, podendo então desenvolver e reproduzir o que foi observado. O espaço de convivência possibilita mais liberdade e autonomia do que a tela de referência, na segunda a rotina, disciplinarização e poder do adulto foi manifestado para a família sobre a criança, pois durante a situação pandêmica os familiares impuseram os pontos citados, a fim de fiscalizar, exigir, controlando o aprender para uma racionalidade produtivista, expondo a incompreensão e artificializando as práticas e métodos adotados pelos docentes.

3.2. Novas práticas pedagógicas.

As práticas pedagógicas existem a partir das interações e brincadeiras nas atividades que por meio de diferentes linguagens exploram diferentes espaços e materiais, auxiliando a criança se tornar produtora de cultura e participante da sociedade. Com a pandemia surgiram novos espaços e novos materiais, sendo os pais o meio para que ocorra a interação, não substituindo os docentes, mas age como facilitador, com o auxílio e explicações de docentes para melhor atender aquela criança durante este processo. As novas práticas pedagógicas se distanciaram da essência da oferta da EI, pois a partir do momento que foram necessários o distanciamento e o ensino remoto o educar e cuidar que são indissociáveis foi um desafio a ser conquistado com o distanciamento social. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

A possibilidade de desenvolver as estruturas mentais após o nascimento dar-se a partir da interação entre diferentes sujeitos, sendo a interação a peça principal para que ocorra o desenvolvimento cognitivo da criança, tendo consequências diretas na perspectiva do processo de aprendizagem. (RIBEIRO, CLÍMACO, 2020).

Reconfigurando as formas de aprendizado, as novas perspectivas para as práticas pedagógicas proporcionaram uma visão diferente do que é conceituado socialmente sobre atividade pedagógica na Educação Infantil, o que se pensava ser apenas trabalho com atividades impressas com treino de grafias, letras, números, como uma fase preparatória para o 1º ano. Agora é exposto e vivenciado dentro das suas casas a possibilidade de se aprender brincando, observando, interagindo, socializando entre outros meios. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

Lira, Dominico, Johann, Nunes (2021) discorrem que apesar da oportunidade de enxergar e viver a Educação Infantil diferente dos velhos paradigmas, docentes precisaram buscar meios que contabilizassem os dias letivos e comprovassem o cumprimento das atividades com fotos, áudios e vídeos, utilizaram de ferramentas como tarefas impressas, pensando apenas em cumprir ordens. No novo contexto de tela de referência eram sugeridas atividades e participação nos encontros online, com o propósito de criar a interação e participação entre as crianças, mesmo que a distância, tendo o atraso na construção de vínculos, afetos, socialização física com seus pares. Porém, sendo este o único meio possível a fim de reduzir o processo de contaminação da Covid-19, se fez necessário pensar encontros com tempo de qualidade e tentar fazer a criança participar e não sendo apenas expectadora. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

Os exercícios propostos para as crianças, como de ligar pontos, completar, produção por repetição, cortar, colar, que não priorizam o processo de interação, descobertas e experiência, demonstram caminhos para uma educação escolarizante e preparatório, o que vai contra as diretrizes curriculares nacionais. Lira, Dominico, Johann, Nunes (2021) discorrem sobre os municípios paranaenses, adquirirem diversas estratégias com o mesmo fim, uma educação escolarizante, preparatória para o Ensino Fundamental, utilizando os meios de ‘aulas’ gravadas e materiais impressos entregues pela escola, tornando a Educação Infantil escolarizante antecipadamente.

De acordo com Filho e Aznar (2020), em Portugal o governo disponibilizou a telescola, aulas transmitidas na televisão para diminuir o prejuízo na falta do aprendizado constante. O Ministério da Educação reimplentou o sistema de transmissão público das aulas transmitidas

na época da ditadura, visto que seria uma adaptação segura para garantir o direito aos alunos mais pobres. Apesar do Estado português valorizar o ensino presencial em detrimento ao ensino remoto, com receio de entrar em uma crise educacional ao utilizar práticas pedagógicas e meios educativos otimizados que não resultam em sucesso na aprendizagem.

É possível encontrar relação entre Portugal e Brasil das dificuldades e barreiras encontradas, sendo estas comuns entre os países, pois todos evidenciam a desigualdade social, dificuldade do acesso a tecnologia, presença da família, preocupações com a saúde mental das crianças, famílias e docentes, receio de atraso no processo de aprendizagem, entre outros. Ambos com o olhar compreensível de que o ensino remoto não é o ideal, mas o mais possível de garantir o direito à educação, com a tentativa árdua dos docentes de diminuir as desigualdades, sabendo que um dia tudo isso acabará, sendo necessário e fundamental agora para alcançar o maior número de crianças possível. (FILHO, AZNAR, 2020).

3.3. O impacto na volta às atividades e relações após tela de referência.

Handam, Ferreira e Lima (2020) discorrem sobre a limitação que a aprendizagem por meio do ensino remoto ocasiona, pontuando também a falta de recursos tecnológicos entre as crianças, sendo este um recurso heterogêneo. Fazendo-se necessário pensar com cuidado em estratégias e normas a fim de atender toda a população brasileira ultrapassando barreiras, desafios e a complexidade do ensino remoto neste período de pandemia. Ressalta que o acolhimento emocional as famílias e crianças, comunicação, acompanhamento, fazem parte das lacunas que devem ser supridas no ensino remoto. Sendo essas novas demandas e novas formas de lidar por ser algo completamente diferente para todos os envolvidos. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

A novas experiências na pandemia também serviram de aprendizado para os docentes, não apenas durante a pandemia, mas fazendo com que este tema seja um tópico de estudo contínuo na formação continuada dos docentes, para contribuir em seus conhecimentos e facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Foi um momento desafiador para todos docentes, tanto na parte pedagógica como em sua vida pessoal, novos desafios para ofertar com qualidade, necessitando pensar novos meios de proporcionar as brincadeiras, o convívio coletivo, a harmonia da turma. Tentando seguir as normativas e garantir a interação e não prejudicar o seu desenvolvimento. Vale

ressaltar que cada estado adaptou da sua forma de acordo com seu contexto, de forma alguma a oferta da Educação Infantil durante a pandemia foi algo homogêneo no país. (HANDAM, FERREIRA, LIMA, 2020).

A dialogicidade é o ponto chave, para que haja comunicação, interação e a troca de cultura, sendo estes fatores substanciais para auxiliar no processo de formação do sujeito. O ensino remoto/híbrido tem esta característica retirando a figura de ator central do professor, sendo apenas mediador e orientador, transformando a criança em protagonista. (HANDAM, FERREIRA, LIMA, 2020).

Significativo pontuar que este cenário causou e ressaltou sentimentos de ansiedade, medo, angústia, solidão, nas famílias, crianças, docentes, em grande parte da população, causando impactos e sofrimentos psicológicos, acarretando incertezas e preocupação em relação a diversos pontos, mas principalmente sobre a educação da criança. Antes da pandemia já existia a relação família-escola, pois o desenvolvimento da criança é contínuo, fazendo necessário o diálogo e trabalho em conjunto com ambas as partes.

Na pandemia esse trabalho se intensificou, os papéis foram trocados, as famílias passaram a conviver mais tempo com as crianças e os docentes reedificando suas tarefas profissionais. Pensando no sofrimento causado pelo distanciamento social e novo cenário à maior recomendação é sobre os laços que devem ser criados entre a família e a criança, facilitando a produção de saberes a partir desta nova experiência, mantendo o protagonismo, sujeitos de direito que produzem cultura, sentidos e significados a partir da sua observação do mundo, mesmo que em diferentes contextos. Vale ressaltar que as crianças retornaram ao ensino presencial sem estarem vacinadas, sendo necessário e importante frisar com as crianças o cumprimento das medidas preventivas para que o vírus não voltasse a ter altos níveis de contágio. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

No trecho a seguir, retirado de uma pesquisa realizada com crianças cariocas, que buscou compreender as percepções sobre a Covid-19, percebe-se que suas concepções são retiradas do seu cotidiano, repertório este influenciado pela escuta atenta ao que a família, amigos, entre outros meios de comunicação. Resultando na identificação da compreensão por parte das crianças sobre a seriedade da situação, entendendo a importância das medidas de proteção, cuidados a serem tomadas e a preocupação sobre a transmissão e saúde das pessoas que amam. Conclui-se com os

resultados que o contexto e a vivência neste cenário influenciaram diretamente em novos conhecimentos sobre pandemia, saúde, ciências, de um modo mais geral.

Com relação aos sentimentos evocados ao falar de COVID-19 ou coronavírus, foram mencionados medo (em 7 relatos), preocupação (7), saudades (5), tristeza (4) e nervosismo (3). Em geral, as crianças relataram medo de se infectar com o coronavírus e preocupação com a possibilidade de sua família adoecer. Isso pode ser exemplificado pelo trecho “Assustada! Com medo de mim [sic] pegar a doença e também com medo dos meus avós morrerem”. A tristeza com a situação de pandemia, tanto pelos casos de morte quanto pelo fato da permanência em quarentena, pode ser ilustrada pela fala “Eu me sinto muito triste porque coronavírus é uma doença que muita gente já morreu. coronavírus é muito triste, isso”. O sentimento de nervosismo em relação ao vírus foi expresso em trechos como “Sinto um pouco de frio na barriga, porque dá um nervosismo, tipo ‘ui, sai pra lá’. Como se fosse um encosto, né?”. É válido mencionar o sentimento de incerteza demonstrado por uma das crianças ao dizer que não sabe o que vai acontecer. As crianças também relataram sentir saudades de como a vida era antes da pandemia, especialmente da aproximação afetiva, como abraçar e beijar familiares e amigos: “Saudades (...) de dar beijo nos meus avós, na minha mãe, no meu pai, ficar com a minha prima, visitar meu tio e tia”. (FOLINO, ALVARO, MASSARANI, CHAGAS, 2021, p. 05).

Nota-se que as crianças, mesmo aquelas que ainda são muito pequenas, entendem a gravidade da situação, sofrendo psicologicamente com todas as adaptações, perdas, riscos, distanciamento daqueles que amam, entre outros pontos que envolvem a diferença do cotidiano da criança, explicita-se no texto a importância de estratégias que acolham as crianças na volta à sala de convivência, valorizando seus sentimentos e tudo que foi passado nesses últimos dois anos de pandemia. (FOLINO, ALVARO, MASSARANI, CHAGAS, 2021).

Os problemas que foram evidenciados com a chegada da Covid-19, como os déficits materiais, desemprego, racismo, fome, falta de saneamento básico, são pontos que o vírus tornou visível, sendo estes problemas sociais que já existiam antes, mas eram camuflados. É visível na sociedade as desigualdades e diferenças sociais dentro e fora da escola, seja esta por parte da família ou corpo docente.

Em relação a família, alguns puderam aderir ao isolamento social sem a necessidade de se deslocar para trabalhar, em alguns casos tendo a oportunidade de cuidar e educar as crianças sem a necessidade de uma terceira pessoa, porém uma parcela da sociedade necessitava trabalhar e podiam delegar este trabalho para terceiros, e uma outra parte só podiam dar a devida atenção à seus filhos após longas e exaustivas horas de trabalho, afetando diretamente na motivação e capacidade de propiciar vivência e experiência para quem é de direito. Sendo este processo

imposto pelo governo, para um resultado eficaz na diminuição da propagação do vírus. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

Mesmo sem formação, preparação, cenário e até mesmo com o psicológico abalado pelo cenário, professores são agentes coagidos pelo sistema produtores de atividades para alcançar o máximo de crianças possíveis, ficando sobrecarregado e aprendendo na hora como se reinventar e aplicar da melhor forma que agrade seus superiores e a família. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021)

Com o parecer nº 6/2021, aprovado em 6 de julho de 2021, foi possível começar o retorno presencial, inicialmente com uma parte da turma durante uma semana e na outra o restante da turma, para que não proliferasse mais o vírus e não causar risco para a família, criança e professores, gostaria de pontuar que nesta época eu trabalhar em uma escola de rede privada, que retornou as atividades antes da rede pública, porém fazendo o revezamento semanal entre as crianças, o que dificultou o processo de vínculo entre as crianças e docentes, pois requer momentos, vivências, brincadeiras para conseguir fazer a criança confiar em você, com isso durante uma semana você conseguia construir este laço e na outra a criança ficava em casa, pode-se perceber como foi difícil este processo para ambos os lados.

Também é importante pontuar as questões das regras a serem seguidas, pois tanto as crianças como os profissionais deveriam utilizar máscaras e distanciamento social por questões de segurança do Corona vírus, mas como na Educação Infantil é natural e necessário o toque, foi dificultado o processo de conciliar a educação com a segurança.

O sentimento de incerteza causado pela pandemia em pais, crianças e docentes interrompe o trajeto de desenvolvimento a partir do conhecimento, experiência, observação, o brincar, não se pode focar apenas no cumprimento de ordens e completar atividades, deve-se ouvir atentamente as famílias e crianças, de modo que estas se sintam acolhidas, auxiliar nas dificuldades, compreender suas barreiras e limitações, criando laços e vínculos, colocando-se no lugar do outro, a fim de honrar e respeitar o sentimento causado pelo momento de incerteza, mas depositando esperança nas crianças acreditando em suas potencialidades e respeitando o seu novo tempo de desenvolvimento. (LIRA, DOMINICO, JOHANN, NUNES, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao contexto pandêmico – em que as crianças foram obrigadas a se afastar da escola para que a contaminação do vírus da Covid-19 diminuísse o contágio, no qual não se sabe ao certo os verdadeiros riscos trazidos a saúde dos colaboradores e das crianças, podendo ainda estes virem a ser vetores do vírus para dentro de seus lares com pais, avós e pessoas que possam ser mais vulneráveis a doença da Covid-19 – havia a preocupação com o tipo de interação educativa que poderia ser feita para que o distanciamento não fosse total e que as crianças não perdessem os vínculos com as instituições, docentes e colegas, apontando ser essa a melhor alternativa para o contexto vivido.

O que evidenciamos neste trabalho é a falta de preparo para aplicar o ensino remoto na Educação Infantil. Este problema é algo real que foi possível entender ao finalizar a leitura, como a precariedade da maioria das escolas do Brasil em disponibilizar a educação de qualidade que as crianças têm por direito. Sendo que cada região teve suas dificuldades e especificidades para ofertar o ensino remoto na Educação Infantil. Vale lembrar que este trabalho focou em discorrer sobre os estados do DF, RJ, SP e Portugal, que foram encontrados após a leitura das referências bibliográficas.

Respondendo as perguntas realizadas anteriormente, chegando ao final da leitura podemos compreender que antes da pandemia as crianças passavam maior parte do tempo com as docentes e seus pares na sala de convivência. Espaço que viabilizava e intermediava o processo de desenvolvimento cognitivo, social, motor de cada criança a partir de suas experiências e vivências, brincando, perguntando, socializando.

Durante a pandemia as crianças ficaram impossibilitadas de viver aquilo que era proposto anteriormente, como dialogado anteriormente com Lira, Dominico, Johann, Nunes (2021), mas os docentes, juntamente com as famílias, elaboram atividades e meios de comunicação para que fosse possível manter as brincadeiras e experiências necessárias.

Claramente o tempo de tela foi uma preocupação para todos os envolvidos, porém o mais importante era dar a certeza para a criança que alguém está ali por ela, que está ouvindo e dando importância a sua vida e fala. As crianças da Educação Infantil foram privadas da socialização pessoalmente, onde era possível tocar, mas não deixaram de vivenciar esse toque com a sua família.

Uma outra problematização que se faz necessário trazer após a leitura deste trabalho é a explicitação das diferenças por todo o Brasil, sendo um país plural e desigual, no qual cada estado tiveram as suas normas e decretos a serem seguidos. Também acho importante nos perguntar como ficaram as crianças que moram no meio rural, as ribeirinhas, quilombolas, será se elas tiveram os seus direitos à educação garantido durante a pandemia?

A observação durante esta fase da vida é algo primordial, principalmente na Educação Infantil, pois muitas vezes a partir da observação, seja um adulto ou até mesmo outra criança. A repercussão da pandemia na criação de relação com seus pares, foi mais impactante durante o ensino remoto/ híbrido, pois elas não podiam ver os seus colegas, brincar, ouvir, da mesma forma, o normal, desta forma a tecnologia se fez útil para criar essa conexão mesmo que de forma online. Espaços de convivência entre crianças e professores que foram reformulados durante a pandemia, a tela de referência se tornou a nova sala de convivência, que auxiliou na aproximação das crianças e professores.

Conclui-se que muitos pais não têm o conhecimento igual dos docentes que estudaram para serem capazes de adaptar suas aulas para diversas situações como a pandemia. Foi necessário um constante diálogo para auxiliar os pais durante a pandemia, com ensinamentos de como lidar, o que fazer e mostrar a importância do se aprender brincando.

A pandemia impactou a vida de todos, roubou tempo da infância que não volta mais, professores se reinventaram, incansáveis esforços por parte da família e escola para que diminuísse o máximo possível as perdas no processo de desenvolvimento da criança, deixando claro o papel essencial e insubstituível que a sala de convivência tem na vida das crianças. Agora cabe a todos fortalecer, criar meios para se conectar e criar vínculos afetivos, de modo que possibilite o retorno da aprendizagem e desenvolvimento de maneira correta na vida infantil.

Espera-se que a partir das propostas e vivências durante a pandemia e agora pós-pandemia na Educação Infantil no Brasil caminhe junto com as mudanças sociais, e integre a utilização das novas tecnologias, a fim de auxiliar de maneira crítica, inventiva, construtiva e lógica no contexto da sala de convivência para as crianças da primeira etapa, buscando ser mais leve a adaptação caso a situação volte a acontecer.

O estudo sobre o tema não acaba por aqui, pois o vírus também não deixou de existir, surgem novas cepas, o medo do contexto pandêmico voltar é real e diário, fazendo necessário o

constante estudo e atualização do ensinar remotamente, mas também aproveitar todos os dias a oportunidade de ter as crianças na sala de convivência presencialmente.

Perspectivas futuras

Detalhando um pouco a minha relação com o curso e esta finalização, a Pedagogia não era algo que eu tinha em mente desde o Ensino Médio, porém se tornou algo que não sairá do meu cotidiano para o resto da minha vida. Foram muitos conhecimentos adquiridos durante os anos passados na Universidade de Brasília, conhecimentos estes que me tornaram outra pessoa, que enxerga a criança e o outro de uma forma mais cuidadosa, amorosa, cautelosa, entre outras qualidades que me agregaram após o curso. Mesmo não sendo algo que eu esperava se tornou a pauta mais importante e que mudou o meu presente e ajudará com certeza no meu futuro. Foram muitos momentos de aprendizado dentro da sala de aula em estágios e na Universidade ouvindo renomados docentes que me inspiraram e inspiram dia após dia a querer ser uma professora melhor e quem sabe um dia também ser uma professora em uma Universidade.

Para um futuro próximo pretendo unir o inglês com a Pedagogia, duas paixões que não vejo andando separadas na minha vida, com isso no atual momento estou fazendo um curso para me especializar para dar aulas de inglês para crianças, o diploma de Pedagogia é a peça principal do quebra-cabeça da minha vida, sem a minha graduação não sei o que seria da mim, pois agora não me reconheço sem ser a pessoa que sonha em ser professora, que quer ajudar as crianças com todo ensinamento obtido durante esses anos passados.

Dito isso, pretendo também continuar meus estudos, Pós-graduação, mestrado, doutorado, especialização, tudo que estiver ao meu alcance eu pretendo fazer para tentar para me tornar uma pessoa e profissional capacitada para melhor atender aos meus futuros alunos. A educação por não ser estática está em constante evolução e atualização, quero me manter meus estudos para proporcionar o melhor ensino e experiência para aqueles que cruzarem o meu caminho. Muito obrigada a todos os professores da Universidade de Brasília que acreditaram no meu potencial, acreditando no meu crescimento pessoal, profissional e emocional construído ao longo desses anos de estudos.

REFERÊNCIAS

ARGOLLO SILVA, J.; VIEIRA, N. O novo normal da covid-19: - Quando o emergencial se transforma em política educacional . **Princípios**, v. 40, n. 160, p. 246 - 272, 16 jan. 2021. Acesso em março de 2022. Disponível em : <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/52>

BARBOSA, I. G. Prática pedagógica na educação infantil. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Acesso dez. 2021. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/pratica-pedag-gica-na-educacao-infantil/>

BISSOLI, M. DE F.. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil Apoio e financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Psicologia em Estudo [online]**. 2014, v. 19, n. 4 [Acessado 24 Abril 2022] , pp. 587-597. Acesso em fevereiro de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-73722163602>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Na Educação Infantil. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019b.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Acesso em Março de 2022. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiR9MXx_Kz3AhULj4kEHZXgCMAQFnoECAMQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.seduc.ro.gov.br%2Fportal%2Flegislacao%2FRESOLUCAO005_2009.pdf&usq=AOvVaw15FLSS-5Ke0EBuo71Ph9_f

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRASIL. **Emenda constitucional nº 59**, de 11 de novembro de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, 12 de novembro de 2009, Seção 1, p. 8. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei federal no 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. Acesso em Março de 2022. Disponível em : <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Acesso em Março de 2022. Disponível em : http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf

CORDEIRO, Miriam Izabel Albernaz. **Carta aberta da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI)** dirigida ao presidente do Conselho Nacional de Educação. 2020. Acesso em março de 2022.

CRUZ, S. H. V. CRUZ, R. C. de A. MARTINS, C. A. A Educação Infantil e demandas postas pela pandemia: Intersectorialidade, identidade e condições para o retorno às atividades presenciais. 2021. **Zero a Seis**. v. 23 n. Especial (2021): Dossiê Especial: Educação infantil em tempos de Pandemia Acesso em março de 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79003>

DE FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S., 1999. **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, FE-UNICAMP; São Carlos: Editora da UFSCar; Florianópolis: Editora da UFSC, 1999, 112p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 62). Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/VHCNrZjzgFYhX9TgsWqJtMq/?lang=pt>

FILHO, S. A. ; AZNAR, C. D. A educação formal durante a pandemia: perspectivas em Portugal e no Brasil. **Revista Ciências Jurídicas e Sociais – IURJ**, vol 1, Nº 1 – 2020. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjkb-p5qD3AhU7j4kEHZeQ-cQFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Frevista.institutouniversitario.com.br%2Findex.php%2Fcsjuri%2Farticle%2Fdownload%2F5%2F2%2F3&usg=AOvVaw1M0SlqDD37W-T54hLHZIIx>

Folino, C. H. et al. A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. 2021, v. 37, n. 4 [Acessado março de 2022] , e00304320. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00304320>

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Acesso em Março de 2022. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjbtqdE_qz3AhUxhIkEHepXCs4QFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Faynrafael.files.wordpress.com%2F2011%2F08%2Fgil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf&usg=AOvVaw0jnKSJzMB5w1X115SnOwxI

GUIMARÃES, C.S.C. ; MATTOS, M de M; BASÍLIO, P. de M. Educação Infantil em tempos de pandemia: em busca das borboletas. **Revista Práticas em Educação Infantil – vol. 5; no 6 68**. 2020. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj6ppm05qD3AhUSIlkEHeYYAJcQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.cp2.g12.br%2Fojs%2Findex.php%2Fpraticasei%2Farticle%2Fview%2F2936&usg=AOvVaw0L4NK9IjvkTJGDmeDtf7fJ>

HANDAM, N. B.; FERREIRA, R. de M.; DE LIMA, D. A.. A educação brasileira em tempos de pandemia por COVID-19 e perspectivas futuras. **Revista FACES**, v. 1 n. 1, 2020. Acesso em março de 2022. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved>

=2ahUKEwiY0-f15aD3AhWoj4kEHf6SAKQQFnoECAgQAQ&url=http%3A%2F%2Frevista.facesbr.com%2Findex.php%2Ffaces%2Farticle%2Fview%2F7&usg=AOvVaw2lar1lx22i0WtbEzIMdoQ0

KRAMER, S..As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação & Sociedade** [online]. 2006, v. 27, n. 96. Acesso em fevereiro de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000300009>

Kuhlman Jr., M.. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2000, n. 14 [Acessado março de 2022] , pp. 5-18. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200002>

LIR, A. C. M.; DOMINICO, E.; JOHANN, M. M.; NUNES, M. A.. Infâncias confinadas: a educação como direito das crianças em tempos de pandemia. **Educação em Revista, Marília**, v.22, p. 59-76, 2021, Edição Especial. 2021. Acesso em março de 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/11185>

MÜLLER, F.; DELGADO, A. C. C.. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360. 2005. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GdNZMSwhJTXwFJ3RhbfYjpJ/?format=pdf&lang=pt>

NASSI-CALÒ, L. O papel dos artigos de revisão vai além de sintetizar o conhecimento atual sobre um tema de pesquisa. **SciELO em Perspectiva**, 2021. Acesso em Março de 2022.. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjA7L3fiK33AhWoj4kEHTDtCsAQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Fblog.scielo.org%2Fblog%2F2021%2F07%2F14%2Fo-papel-dos-artigos-de-revisao-vai-alem-de-sintetizar-o-conhecimento-atual-sobre-um-tema-de-pesquisa%2F&usg=AOvVaw3-Zrasrgl54m4yuFu0ucLp>

OLIVEIRA, G. C. de A. Ensinar e aprender em tempos de covid-19 uma proposta pedagógica. **Researchgate**. 2020. Acesso em março de 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357752235_ENSINAR_E_APRENDER_EM_TEMPO_S_DE_COVID-19_UMA_PROPOSTA_PEDAGOGICA

PASTORE, M. D. N.. Infâncias, crianças e pandemia: em que barco navegamos? **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. 2020. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0nHNxXwfYkkJ:https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/919/1285/1353+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

RIBEIRO, M. de P.; CLÍMACO, F. C.. Impactos da pandemia na Educação Infantil. A pandemia acelerou a necessidade de se problematizar a questão digital na educação infantil? **Revista Pedagogia em Ação**, v. 13 n. 1. 2020. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23756>

ROCHA, E. A. C., 2001. A pedagogia e a educação infantil. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Educação**. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/v3P9wYtgnVDf3DcVcywdLSK/?format=pdf&lang=pt>

SARMENTO, J. M.; PINTO, S.. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. 1997. **As crianças: Contextos e identidades** (pp. 9-30). Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://pactuando.files.wordpress.com/2013/08/sarmento-manuel-10.pdf>

SARMENTO, M. J.. A Sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: **A sociologia da infância e a formação de professores**. Romilda Teodora Ens e Marynelma Camargo (orgs). Curitiba: Champagnat, 2013. p.13-43. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjHiZ6g5qD3AhVVhIkEHY06C0wQFnoECAsQAQ&url=https%3A%2F%2Frepositorium.sdum.uminho.pt%2Fbitstream%2F1822%2F36756%2F1%2FSociologia%2520da%2520Infancia%2520e%2520Sociedade%2520contemporanea.pdf&usq=A0vVaw393Lsfx27KIBR29-n6NzAR>

SENRA, V. B. C.; SILVA, M. S., 2020. A educação frente à pandemia de COVID-19: atual conjuntura, limites e consequências. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.6, n.12. Acesso em Março de 2022. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22114/17659>